

(DES)ENCONTROS DA HISTÓRIA COM O FILÓSOFO DO MARTELO

Auricélia Lopes Pereira

UEPB/UFPE

Auricelialpereira@yahoo.com.br

E ele foi chegando assim, em sobressalto, atravessando e cortando a escrita do outro, o dizer do outro. Foi chegando manso, numa ternura e num gesto de acomodação, de doação de sentido extremamente familiar. Palavras conectadas a uma lógica anterior, acopladas. Entre o dizer do outro e o dele, nenhuma brecha, nem fissura; nenhum hiato a reclamar, a pedir sentido, a clamar por significação. E nesse encontro de palavras entre o outro que dele falava e ele citado nenhuma sombra ameaçava a luz, a partir da qual eu mergulhava meu olhar de leitora para não me perder.

Para não me perder demais. E assim preparei-me para o encontro... que seria fácil demais, amigável demais. Afinal, ele me era tão familiar pelas ressonâncias deleuzianas, pelos fortes ecos foucaultianos. Mas logo viria a descobrir, tropeçando de pavor que seu estatuto familiar era mais produto dos meus (des)encontros do que da minha habilidade de leitora.

Então, foi exatamente aí nesse espaço de desassossego que tudo parou. *Zaratustra* nada me dizia. *O Humano demasiado humano* estava ex-cendendo, literalmente se fazendo linha de fuga no meu entendimento demasiado perplexo. *Considerações Intempestivas*? Intempestivas considerações que nada diziam. Ele vinha como aquele instrumento mudo de Adélia Prado do qual não saía melodia alguma. A linguagem não vinha para instaurar a sintonia entre o dizer e o dito, mas para rachar, cortar, estilhaçar o dito. Na leitura atenta, nenhuma garantia do eterno retorno, nenhum crédito para a compreensão, nem consolo para o entendimento. Ali, onde os aforismos reinavam (des)arrumados, a linguagem implodia, ele mesma, sua função de traduzir, de expressar, de explicar. Traição das palavras colocadas no mundo para acoplarem-se às coisas. O sonho de Wittengstein perdendo-se na noite escura de *A Gaia Ciência*. Ali, não havia mais sequer a segunda noite escura de Blanchot, porque se a primeira nada dizia senão a sensação de que tudo tinha desaparecido; na segunda, Blanchot percebe

que o fundo da noite, assim como o desaparecimento, aparece nas coisas mesmas que desapareceram... E então, se para Blanchot, o sentido não se dá à luz da razão que a tudo ilumina, mas emerge, ele mesmo, da obscuridade, a noite traz consigo o próprio outro que se parte, passagem, travessia, entendimento; não era assim para ele! Na noite escura, a outreidade nada dizia, não apontava para nenhuma semelhança salvadora; o desaparecimento se perde para não voltar nas coisas desaparecidas, desenraizadas por seus golpes que a tudo cortava, sem preocupar-se com o que iria ele por no lugar; o desaparecimento se perde ainda póstumo, ainda a ser dito na noite escura onde o outro continua calado em sua outreidade, onde o outro não pretende encontrar o rosto de Levinas, com seu cristão acolhimento, onde o humano continua a ser essa morada sem portas, e na sua memória corporal o outro se faz habitar e reencontra sua morada desde sempre.

E então naquele mundo aonde as palavras vinham para dizer as coisas, um abismo rachava as coisas e cortava as palavras; fazendo delas fragmentos sem unidade... Perdidas para sempre da morada da totalidade e da universalidade que a tudo arrumava, que a tudo dava um lugar. E então, cortadas em si mesmas, as palavras não vinham para serem ouvidas... A relação entre o dizer e ouvir rachada desde o princípio que também não tem origem. Assim falou Zarathustra para o seu coração: "Não me compreendem, a minha boca não é a boca de que estes ouvidos necessitam."ⁱ Tampouco carregavam elas sentidos costurados aos sentidos dos outros: "Estou, porém, longe deles, e o meu sentido nada diz aos seus sentidos. Para os homens sou uma coisa intermediária entre o doido e um cadáver."ⁱⁱ

Mas então uma possibilidade de encontro se realiza: o encontro hermenêutico parece se dar exatamente nesse desencontro de sentidos. Zarathustra sai da noite e vem para o meu dia... Mas apenas para anunciar a ponte que não existe entre nós. Esse nós que insiste no encontro, na familiaridade, no entendimento e que se dilui na escrita sem cais e sem porto seguro. E, no entanto, não vem a escrita para dizer, para traduzir-se na linguagem até que o verbo se faça luz?!

Talvez. Talvez numa tradição filosófica, mas não nesta onde o sentido último é tudo o que não se quer encontrar e tudo o que se quer destruir com uma filosofia que não opera com ideais, mas com um martelo, com uma filosofia que recusa os conceitos

como lugares de explicação; fazendo habitar sob seus escombros os aforismos que não clamam por reconhecimento, que não pedem por uma epistême. Então, a linguagem vem nele como o estrangeiro que tem corpo, mas em seu corpo vêm escritas infinitas línguas, desenhados infinitos gestos, outros lugares que dizem este é o meu não-lugar. Um não-lugar, entretanto, que, após minha longa caminhada por livros que nada me diziam, insiste em proclamar postumamente: “Eu vô-lo digo: tendes ainda um caos dentro de vós.”ⁱⁱⁱ Um caos provocado não por ausências, mas por presenças que seu martelo vinha para fazer fugir: ali, onde a certeza habitava segura, onde a continuidade apontava um fim, onde a razão reinava, onde a consciência dava forma ao mundo e a linguagem traduzia as coisas, ali onde o sujeito no final fechava as portas que na origem abrira, ali mesmo nessa cidade velha povoada por idéias, sujeitos, conceitos e seres, ele anunciava o caos das presenças habitadas e das verdades que insistiam em dormir seu sono eterno. Então, numa consideração, assim, intempestiva, eu o pus de lado... Sem, no entanto, deixar de lembrar dos seus amores:

“Amo aquele cuja alma transborda, a ponto de se esquecer de si mesmo, e todas as coisas que estão nele, porque assim todas as coisas se farão para o seu ocaso”^{iv}

Eu não queria esquecer de mim, mas Dele! Ele, cujos aforismos não me diziam nada! Aforismos que nenhum sentido anunciavam para mim e cujos livros, para mim, não eram tão bons como ele dizia. E, no entanto, ali mesmo onde ele se propõe a explicar por que escreve *livros tão bons* um pedaço de fala fez-se ressonância em mim: “Disseram-me que é impossível pôr de lado um livro meu – que eu perturbo inclusive o repouso noturno.”^v De fato. Perturbou por noites quase sem fim.

E talvez por isso, não faltei ao seu encontro. Assim como seus aforismos foram feitos não para explicar, não para comunicar, mas para provocar um desencontro entre o autor e seus leitores, para provocar uma nova forma de relação do leitor com o texto que não pode ser compreensiva, acomodativa, fraternal, seus livros vinham para cortar uma compreensão, um aprendizado, uma forma de se relacionar com o dito e com o escrito. Vinham para dividir, não para juntar, vinham para pôr a diferença em seu lugar, jamais para explicá-la, sequer entendê-la... E vinham principalmente para *marcar*, para

produzir corpos e com eles denunciar as massas, sua bestialidade... seu riso bestial, sua bestialidade mortal... Cadáveres, mortos que vivem em rebanho e como rebanho, buscam pastores. Massas. Para a qual Zaratustra não deveria direcionar sua indulgência: “Caminho para o meu fim; sigo o meu caminho; saltarei por cima dos negligentes e dos retardados. Desta maneira será a minha marcha o fim deles!”^{vi}

O meu fim. Minha incompreensão, meu riso diante do incompreensível, minha ausência de ouvidos para as coisas inauditas faziam de mim rebanho. E ele se calou para mim. Não queria ser meu pastor e até minha solicitude era uma marca de separação. Queria conhecer, queria escrever, mas não para as massas, mas para a elite! Assim, o susto. Eu, que me achava tão bem acompanhada, de repente pela quebra da escuta, pelo riso bestial, rebanho! E, no entanto, Zaratustra não parava de se fazer eco em mim:

“O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar num homem é ele ser uma passagem e um ocaso.

Eu só amo aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado.”^{vii}

E ainda Michel Foucault: “o surgimento de Nietzsche constitui um corte na história do pensamento ocidental”. Desdobramentos foucaultianos:

Nietzsche abriu uma ferida na linguagem filosófica. Apesar dos esforços dos especialistas, ela não foi fechada. Veja Heidegger cada vez mais obcecado por Nietzsche em sua longa meditação, da mesma forma Jaspers. Se Sartre é uma exceção à regra é porque depois de muito tempo, ele deixou de filosofar.^{viii}

Heidegger e seus esforços em fazer dele o último dos metafísicos. Ele, o último dos metafísicos?! Sartre e seu arcabouço contra tudo aquilo que viesse a solapar o chão do seu existencialismo, fundamentado exatamente no homem que se projeta no social. Para ele, e muito antes de Sartre, nem homem, nem projeto, nem social. Se Sartre acreditava na profundidade da existência, dos projetos e principalmente das suas obras que fariam o ser refutar o nada; para ele,

... a profundidade não passava de um jogo e de uma dobra de superfície. `A medida que, sob o olhar, o mundo se torna mais profundo, nos apercebemos de que tudo o que exerceu a profundidade do homem não passava de uma brincadeira de criança.^{ix}

Não escrever sobre ele, ignorar seus aforismos, fazer um desvio dos caminhos de Zaratustra incomodava mais a mim do que a ele: o conhecimento que produzia, as palavras que escrevia não eram mesmo para as massas, apenas para a elite. E, então, no primeiro momento, diante da chuva de insultos, o ressentimento... Que ele também não deixou em paz, o sossego de sua inércia perturbado pelo martelo que insistia em fazer eco naqueles que eu mais amava. Primeiro Foucault: Nietzsche e a ferida aberta no pensamento ocidental. Sartre, seu silêncio, sua negação associada ao gesto mortal do não mais filosofar. Entre um e outro, Foucault desde sempre me comoveu mais, era ele o bom encontro do qual falava Deleuze, esse afeto que me possibilitava a alegria: passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior.

E então, Deleuze leitor de Nietzsche. Ressentir. Guardar um sentimento. Sentir novamente, fazendo doer repetidamente e fazendo fugir as forças criativas, bloqueando os fluxos criadores. Se o guarda-chuva esquecido de Nietzsche me aborrecia enormemente, por ter ele interrompido uma suposta coerência no discurso, provocando junto com tudo o mais que (nada) me dizia um ressentimento, uma espécie de alergia que me obrigava a lembrar repetidamente os seus efeitos em meu corpo; mais ainda me aborreceu perder minha segunda afecção de alegria, esse meu outro bom encontro. E também para ele, que nada me dizia senão desse estranho pertencimento às massas, ao rebanho. E então Deleuze parecia estar falando exatamente para mim, eu que não entendera, eu que por não entender queimava de ressentimento contra todas as metáforas e aforismos que não queriam povoar de sentido e de luz o meu mundo de leitora, e que por ressentir não produzira:

Qualquer que seja a razão pela qual uma força ativa é falseada, privada de suas condições de exercício e separada do que ela pode, ela se volta para dentro. Volta-se contra si mesma.^x

O ressentimento provocaria assim, na leitura deleuziana de Nietzsche, o triunfo das forças reativas, disseminando a culpa, a inércia e principalmente, infinitas lamentações. Seria ele, sempre, o impedido, o vitimado, aquilo que não pode efetuar por cultivar essa memória ardilosa que atualiza a impotência, o fracasso. A memória seria assim inoportuna; essa que é a chave de toda a operação psicanalítica seria, para Nietzsche, o lugar a partir do qual a impotência se faz habitar. E então, esquecer. Parodiando Blanchot, esquecer para não morrer. O esquecimento seria essa força plástica de cura e de regeneração. Para criar e fazer da vida uma poésis era necessário a força do esquecimento, esquecer as marcas imobilizadoras da criação e só assim viver e gerar novos pensamentos:

Precisamos constantemente gerar nossos pensamentos de nossa dor e dar-lhes maternalmente tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, desejo, paixão, sofrimento, consciência, destino, totalidade. Viver significa para nós transformar incessantemente tudo o que somos e tudo o que nos diz respeito em luz e fogo: não podemos agir de outra maneira.^{xi}

E assim tive, seguindo as lições de Sartre, de fazer escolhas. Mas não por Sartre. Escolher não para fundamentar meu ser, mas para estilhá-lo de uma vez por todas. E então escrever. Literalmente, *escrever para não morrer*. Sentia nas dobras da carne as palavras de Blanchot fazendo feridas em mim. Na inércia em que me encontrava, meus bons afetos, meus melhores encontros estavam do outro lado: eu, rebanho, eles, elite. Eu, doente de ressentimento pelo guarda-chuva fora do lugar, pelos aforismos que nada me diziam, eles dançando na chuva com o guarda-chuva e usando os aforismos para denunciarem a mudez filosófica, a paralisia do pensamento. E então de um medo ativo desse estar- do- outro-lado surgiu este artigo. Mas isso é só um anexo no lugar errado.

DA LINGUAGEM COMO ACONTECIMENTO

“O surgimento de Nietzsche constitui um corte na história do pensamento ocidental.”^{xii} Eis Michel Foucault demarcando o lugar de Nietzsche em 1966. Mas por que Nietzsche se constituiria num *corte*, por que teria ele aberto uma *ferida na*

linguagem filosófica? Para Derrida, o seu estilo fragmentário, aforístico teria inaugurado uma nova era no discurso filosófico. Nietzsche teria feito uma filosofia paródica, e por isso a potência dos seus escritos: teria ele parodiado as “grandes palavras” da história universal. A paródia, o aforismo estaria a serviço da destruição, da qual emerge a afirmação. Nietzsche desloca os conceitos da filosofia das “grandes palavras” não a partir da criação de um sistema de pensamento, racional, coerente, totalizador; mas esvaziando a própria linguagem do seu poder de dizer as coisas do mundo e de representá-las.

Michel Foucault chama atenção de que a linguagem foi uma grande preocupação filosófica nietzschiana. Num momento em que as ciências humanas estão marcadamente preocupadas com um método, Nietzsche direciona sua preocupação para a linguagem. Esse lugar a partir do qual as coisas ganham formas; sem, no entanto, forma e substância terem uma relação de imanência. Algum tempo depois Levinas pensará a linguagem com a expressão da subjetividade, da alteridade. Para Nietzsche, no entanto, não há esse lugar primeiro do qual a linguagem parte; esse lugar fundante, anterior chamado subjetividade, consciência, interioridade. Para Levinas, o sonho de compreensão acontece pela linguagem, desde sua emergência a linguagem deseja compreensão, requer o sentido, anseia por esclarecimento. A linguagem seria para ele um meio de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais.

Eis o grande desencontro da filosofia do martelo para a filosofia representativa: a palavra não diz os sentimentos, não vem para expressar. Nietzsche inaugura uma linguagem que instaura a ruptura com a ordem dos signos, do já estabelecido. A linguagem seria incapaz de captar as coisas. Não vem para dizer dos sentimentos do homem, nem para expressar a verdade, tampouco para representar o mundo. Seria ela, um conjunto de metáforas. “A linguagem se constrói como traduções metafóricas de nossas experiências imediatas. Por isso, não dá acesso verdadeiro às coisas”.^{xiii} A linguagem encontra-se da verdade na medida em que, como chama atenção, Luciana Zaterka, a partir dela os homens criam ficções para impor ao caos: identidades, formas, regularidades, sistemas. Criam a partir de uma concepção de linguagem ilusões que pretendem captar o em si das coisas. Necessárias, afirma Zaterka, porque servem à conservação de determinadas formas de vida. Nesse sentido, a linguagem não tem como

função comunicar, dialogar, como sonham os hermeneutas, mas criar ilusões, ficções que estão a serviço da conservação de *determinadas formas de vida*.

Assim, par Nietzsche, as palavras e as coisas, os conceitos e os objetos por eles designados constituem âmbitos diversos. São as palavras convenções estabelecidas pelos homens e que servem a fins práticos. Dessa forma, não há como acessar o ser real das coisas, o mundo tal como é pela fidelidade da linguagem e da tradução.

A linguagem é constitutiva para o acesso humano ao mundo. Não é um espelhamento do mundo objetivo, real, verdadeiro, factual. Mas uma vocalização de nossa relação com as coisas na forma de metáforas.^{xiv}

Segundo Wischke, para Nietzsche só o esquecimento dessa metafóricidade da linguagem produz a ilusão de que as palavras teriam uma relação direta com a verdade e com a essência das coisas e dos acontecimentos. Pois para Nietzsche, não existe nenhum acontecimento em si. Todo e qualquer acontecimento é determinado pela dinâmica da interpretação:

Que as coisas possuem uma constituição em si, totalmente abstraídas da interpretação e de subjetividade, é uma hipótese completamente pachorrenta. Uma tal hipótese pressuporia que o interpretar e o ser subjetivo são essenciais, que uma coisa apartada de todas as suas relações ainda é uma coisa.^{xv}

Contrapondo-se ao positivismo onde os fatos existem por si mesmos e assim, abrindo os caminhos para a futura fenomenologia, Nietzsche afirmará que não existem fatos em si, mas apenas interpretações que se dão na e pela linguagem. Para ele, o mundo é povoado de infinitas interpretações, mas se não há fatos que têm sua existência dada por si mesma, também não há, como chama atenção Casa Nova, nenhum intérprete por trás da interpretação a partir do qual a interpretação fosse elucidada e o sentido esclarecido. Aí, nenhuma consciência a habitar na origem das palavras. Esse é o entendimento da linguagem que leva Nietzsche à genealogia, e Foucault, leitor de Nietzsche, a romper com a fenomenologia de Husserl e de Merleau-Ponty. Para a fenomenologia o sujeito antecede à linguagem, existe uma estrutura transcendental do sujeito.

Eis a tese fundamental da fenomenologia, segundo Marcos Nalli: a idéia de que o significado é imanente ao vivido, à consciência. Segundo esse autor, Michel Foucault teria rompido com qualquer traço fenomenológico que povoou seus escritos proto-arqueológicos da década de 50 ao fazer deslizar a imanência do significado e numa operação contrária à “Doença Mental e Personalidade”, deslocar, no livro “História da Loucura”, a significação para as condições históricas do seu surgimento. Rompe com fenomenologia e com a hermenêutica ao afirmar que a loucura não seria imanente à consciência, questionando a certeza, como afirma Marcos Nalli, de que a loucura poderia ser substancializada. Da fenomenologia à filosofia do martelo. De Husserl a Nietzsche. A loucura seria produto de interpretações. Não interessa mais ao Foucault, desse início da década de 60, perguntar pelos modos como o louco fabrica seu mundo, mas perguntar pelos diferentes modos de olhar – um olhar regido por um regime de dizibilidade – e dizer o louco e a loucura. Interessa perguntar por uma interpretação que não parte de uma interioridade, mas que é ela mesma exterioridade, dobras de superfície.

E também por isso, por esse bom encontro com Nietzsche, Foucault rompe com a hermenêutica. Interpretar para cortar. As palavras não vêm para possibilitar a interpretação, instrumentos a seu serviço, mas são elas mesmas interpretações e por isso, carregam uma historicidade temporal e espacial. Não desnudam significados, tampouco os iluminam, mas ao contrário, impõem um significado. Por isso, para Nietzsche, a interpretação não acomoda, não esclarece, nem acaricia, mas “ela pode apenas apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação já ali, que ela deve subverter, revirar, quebrar a marteladas.”^{xvi} Interpretar é apoderação do outro, de uma outra interpretação, de um outro signo. Nesse sentido não é possível o diálogo hermenêutico. Da mesma forma, se o primeiro postulado hermenêutico se quebra – o diálogo- também a infinitude das interpretações faz nascer no solo harmonioso da hermenêutica a erva daninha da inconclusão da interpretação; parodiando Paul Veyne, se tudo é interpretação, então a interpretação não existe. Não a interpretação que interpretará um objeto primeiro. Cada signo, diz Foucault, é nele mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas interpretação de outros signos. Dessa forma, conclui Foucault, leitor de Nietzsche, nada há a ser interpretado. E assim sendo, a hermenêutica perde seu

objeto e, portanto, seu sentido de ser. Com Nietzsche a interpretação perde, pois, seu solo hermenêutico e emerge no campo da genealogia:

Se interpretar fosse focalizar lentamente uma significação oculta, na origem, apenas a metafísica poderia interpretar o devir da humanidade. Mas se interpretar é apoderar-se, pela violência ou sub-repção, de um sistema de regras que não tem em si a significação essencial e impor-lhe uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergência de diferentes interpretações.^{xvii}

A interpretação não mais para explicar ou compreender um acontecimento, mas ela mesma um acontecimento a ser objeto de análise da genealogia. Interpretação enquanto emergência e como tal, sempre se produz, como chama atenção Michel Foucault, em um determinado estado de forças. Assim, a linguagem a partir de Nietzsche torna-se ela mesma um ser a ser problematizado, questionado, historicizado em sua vontade de poder, em suas ficções de verdade, em suas marcas a se inscreverem sem nenhuma inocência no corpo e na alma.

Notas:

ⁱ NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Martins Claret, 2006, p. 28.

ⁱⁱ NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. P. 32.

ⁱⁱⁱ NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. P. 29.

^{iv} NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. P. 28.

^v NIETZSCHE, Friedrich. Por que escrevo livros tão bons, p. 56

^{vi} NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret; 2006, p.35.

^{vii} NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. P. 27.

^{viii} FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento; RJ: Forense Universitária, 2000, p. 32.

^{ix} FOUCAULT, Michel. Op.cit. p. 44.

^x DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. RJ: editora Rio, 1976, p. 106.

^{xi} NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. SP: Martins Claret, 2004.

^{xii} FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento; RJ: Forense, 2000, p. 32.

^{xiii} ZATERKA, Luciana. A verdade como ficção. Cadernos Nietzsche, 1996, n.1, p. 83-92.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

^{xiv} WISCHKE, Mirko. O tecido quebradiço das ilusões. Nietzsche sobre a origem da arte e da linguagem. Revista Kriterion; Belo Horizonte, n. III, junho, 2005, p. 29-43.

^{xv} NIETZSCHE, Friedrich. Apud. CASA NOVA, Marcos Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. Cadernos Nietzsche; n.10, 2001, p. 27-47.

^{xvi} FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos II, RJ: Forense Universitária, 2000, p. 47.

^{xvii} FOUCAULT, Michel. Op. Cit. P. 270.

BIBLIOGRAFIA

CASA NOVA, Marcos Antônio. **Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo**. Cadernos Nietzsche; n.10, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. RJ: editora Rio, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**, RJ: Forense Universitária, 2000.

WISCHKE, Mirko. **O tecido quebradiço das ilusões**. Nietzsche sobre a origem da arte e da linguagem. Revista Kriterion; Belo Horizonte, n. III, junho, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. SP: Martins Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martins Claret, 2006.

ZATERKA, Luciana. **A verdade como ficção**. Cadernos Nietzsche, 1996, n.1